

POR QUE NÃO ACEITAMOS OS EVANGELHOS APÓCRIFOS

*Augustus Nicodemus Lopes**

RESUMO

Este artigo procura mostrar as razões pelas quais a igreja cristã historicamente tem rejeitado os evangelhos apócrifos. Após a definição do termo “evangelho”, documenta-se sua aplicação a determinado gênero literário surgido no século I e os requisitos para que fossem aceitos como inspirados pela igreja. Segue-se uma classificação dos evangelhos em canônicos e apócrifos e uma descrição de cada grupo, com destaque para os apócrifos. Documenta-se em seguida a atitude da igreja apostólica para com os evangelhos apócrifos e as razões para a sua crescente aceitação em círculos liberais na busca do Jesus histórico. Após um olhar mais atento para os evangelhos de Judas e de Tomé vem a conclusão, na qual se resumem os motivos pelos quais esses evangelhos e os demais apócrifos sempre foram rejeitados pela igreja.

PALAVRAS-CHAVE

Evangelhos; Evangelhos apócrifos; Evangelhos canônicos; Gnósticos; Evangelho de Judas; Evangelho de Tomé; Liberalismo.

INTRODUÇÃO

“Evangelho” é a tradução para o português da palavra grega εὐαγγέλιον, “boas novas”,¹ usada a princípio no Novo Testamento para se referir ao conteúdo

* O autor é mestre em Novo Testamento e doutor em Hermenêutica e Estudos Bíblicos. É professor de Novo Testamento no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

¹ Cf. FRIBERG, Barbara e Timothy. *Analytical lexicon to the Greek New Testament*. Grand Rapids, MI: Baker, 2004. Versão eletrônica. THAYER, Joseph Henry (trad.). *A Greek-English lexicon of the New Testament*. International Bible Translators, 2000. Versão eletrônica.

da mensagem de Jesus Cristo e dos seus apóstolos.² Posteriormente, a palavra veio a se referir a um gênero literário específico que nasceu com o cristianismo no século I.³ “Evangelho”, no singular, foi usado pelos Pais Apostólicos mais antigos para se referir tanto a um evangelho individual quanto a uma coleção deles.⁴ O termo “evangelhos” (plural) só passou a ser usado em meados do século II. Justino Mártir faz referência às “memórias compostas pelos apóstolos que são chamadas de ‘evangelhos’”.⁵ Lembremos que o cristianismo, em termos culturais, ocasionou o surgimento de gêneros literários como epístolas e evangelhos.⁶

Esse novo gênero literário que veio a ser chamado de “evangelho” tinha algumas características distintas. Incluía obras escritas por autores cristãos entre o século I e o século IV que giravam em torno da pessoa de Cristo, sua obra e seus ensinamentos. Essas obras reivindicavam autoria apostólica ou de algum outro personagem conhecido da tradição cristã. Reivindicavam também que seu conteúdo remontava ao próprio Jesus.⁷

Existem centenas de “evangelhos” conhecidos. Alguns são apenas mencionados na literatura dos Pais da Igreja e deles não temos qualquer amostra do conteúdo. Outros sobreviveram em fragmentos ou reproduzidos parcialmente em outras obras, como, por exemplo, o Evangelho dos Hebreus, o Evangelho dos Ebionitas (ou dos Doze Apóstolos), o Evangelho dos Egípcios, o Evangelho Desconhecido e o Evangelho de Pedro, para mencionar alguns. Já outros sobreviveram em cópias completas ou quase completas, como os Evangelhos de Mateus, de Marcos, de Lucas e de João; o Evangelho de Tomé; o Evangelho de Judas; o Evangelho de Nicodemos; o Proto-Evangelho de Tiago; o Evangelho de Tomé, o Israelita; o Livro da Infância do Salvador; a História de José, o Carpinteiro; o Evangelho Árabe da Infância; a História de José e

² Cf. Mt 4.23; 9.35; 11.5; Mc 1.14; 16.15; Lc 3.18; At 11.20 *et alii*.

³ Provavelmente é neste sentido que o termo é usado por Marcos no início de sua obra a fim de descrevê-la. Cf. Mc 1.1: “Princípio do *evangelho* de Jesus Cristo”. Para alguns, Marcos é o originador deste uso do termo. Ver uma defesa deste ponto em: CHARPENTIER, Etienne. *How to read the New Testament*. New York: Crossroad, 1982, p. 18.

⁴ Cf. *Didaquê* 8.2; *Carta de Inácio à Igreja de Filadélfia*, 8.2.

⁵ Cf. *Primeira Apologia*, 66. Ver ainda: WOOD, D. R. W. & MARSHALL, I. H. *New Bible dictionary*. 3rd ed. Leicester, England; Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1996, p. 427.

⁶ Cf. ALAND, Barbara et al. *The earliest gospels: the origins and transmission of the earliest Christian gospels – the contribution of the Chester Beatty Gospel Codex P*. Londres; Nova York: T. & T. Clark International, c2004, p. 4.

⁷ Para evangelho como gênero literário, ver: GUTHRIE, Donald. *New Testament introduction*. Downers Grove: Intervarsity Press, 1970, p. 13-14; GUNDRY, Robert. *Mark: A commentary on his apology for the cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 1992, p. 1049-1051; MOFFAT, James. *An introduction to the literature of the New Testament*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1933, p. 44-46; BITTENCOURT, B. P. *A forma dos evangelhos e a problemática dos sinóticos*. São Paulo: Metodista, 1969.

Azenate; o Evangelho Pseudo-Mateus da Infância; a Descida de Cristo ao Inferno; o Evangelho de Bartolomeu e o Evangelho de Valentino, entre outros.⁸ Esses evangelhos são tradicionalmente classificados em canônicos e apócrifos.

1. EVANGELHOS CANÔNICOS

Nessa primeira categoria se enquadram somente quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Conforme a tradição patrística e da igreja em geral, eles foram escritos no século I pelos apóstolos de Jesus Cristo ou alguém do círculo apostólico. Marcos teria sido o primeiro a ser escrito, no início da década de 60, por João Marcos, que, segundo a tradição, registrou o testemunho ocular de Simão Pedro. Ele escreveu aos cristãos de Roma para ajudá-los e fortalecê-los diante das perseguições.⁹

Mateus teria sido escrito em meados da década de 60 por Mateus, o publicano apóstolo, para evangelizar os judeus, a partir do seu testemunho ocular e talvez usando o Evangelho de Marcos como base para a estrutura da narrativa.¹⁰ Lucas foi escrito pelo médico gentio Lucas, convertido ao cristianismo, que foi companheiro de viagem de Paulo e que frequentava o círculo apostólico. Ele teria produzido esse evangelho pelo final da década de 60, a partir de pesquisa que fez da tradição oral e escrita que remontava aos próprios apóstolos. Seu objetivo, conforme declaração no início da obra Lucas-Atos, era firmar na fé um nobre romano chamado Teófilo.¹¹ Já o Evangelho de João teria sido

⁸ Para uma introdução aos evangelhos apócrifos, ver: FOSTER, Paul. *The apocryphal gospels: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2009; KOESTER, Helmut. *Apocryphal and canonical gospels*. *Harvard Theological Review* 73, no 1-2, Jan-Apr 1980, p. 105-130; CERFAUX, Lucien. *The Four Gospels, an historical introduction: the oral tradition; Matthew, Mark, Luke and John; the apocryphal gospels*. Westminster, MD: Newman Press, 1960; EVANS, Craig A. *Images of Christ in the canonical and apocryphal gospels*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997. Em português temos várias obras que adotam diferentes abordagens ao assunto. Cf. FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – poder e heresias!:* introdução crítica e histórica à bíblia apócrifa do segundo testamento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009; MORALDI, Luigi. *Evangelhos apócrifos*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1999; MAIA, Márcia. *Evangelhos gnósticos*. São Paulo: Mercuryo, 1992; PIÑERO, Antonio. *O outro Jesus segundo os evangelhos apócrifos*. São Paulo: Paulus, 2002. Para o texto em português de vários desses evangelhos, ver: *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. Trad. Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 429-706; *Fragmentos dos evangelhos apócrifos*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

⁹ Sobre Marcos, ver: GRASSMICK, John D. “Mark”. In: WALVOORD, J. F., ZUCK, R. B., & Dallas Theological Seminary. *The Bible knowledge commentary: An exposition of the Scriptures*. Wheaton: Victor Books, 1983-c1985; BURDICK, Donald W. “Mark”. In: PFEIFFER, Charles F.: *The Wycliffe Bible Commentary: Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1962.

¹⁰ Sobre Mateus, ver: HENDRIKSEN, William. *Mateus*. Vols. 1 e 2. *Comentários do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

¹¹ Sobre Lucas, ver: HENDRIKSEN, William. *Exposition of the Gospel according to Luke. New Testament Commentary*. Grand Rapids: Baker, 1978.

escrito pelo apóstolo amado por volta da década de 70 ou 80, aparentemente com vários objetivos, entre eles combater o crescimento do gnosticismo incipiente da época. João escreve a partir de seu testemunho ocular, a partir do seu entendimento acerca da pessoa e da obra de Cristo.¹²

Esses quatro evangelhos cedo foram reconhecidos pela igreja cristã nascente como inspirados por Deus e autoritativos, como Escritura Sagrada, visto que seus autores foram os apóstolos, a quem Jesus havia prometido o Espírito Santo para os guiar em toda a verdade (Jo 16.13; 14.26). Assim, eles aparecerem em listas importantes dos livros recebidos como canônicos pela igreja, como o Cânon Muratoriano (170 d.C.), a lista de Eusébio de Cesareia (260-340) e a lista de Atanásio (367).¹³

Os demais evangelhos, chamados de apócrifos, implicitamente reconhecem a validade do critério canônico da apostolicidade, ao também reivindicarem para si a autoria apostólica ou de alguém relacionado com os apóstolos.¹⁴ Além disto, especialmente os evangelhos oriundos de comunidades gnósticas reivindicam o conhecimento de segredos que não foram revelados aos apóstolos e que vieram como uma revelação posterior, como veremos em seguida.

2. EVANGELHOS APÓCRIFOS

O nome vem do grego ἀπόκρυφος, “oculto”, “secreto”.¹⁵ Eles foram escritos por várias razões. De acordo com Farkasfalvy,

As motivações para a produção destas novas obras foram muitas e em número crescente: devoção, satisfação da curiosidade, apoio para necessidades doutrinárias, inovações, novas tendências, a influência de vários grupos eclesiais, alguns dos quais dentro da corrente principal do cristianismo, outros se apartando e se isolando. Disputas doutrinárias, comunidades que se dividiam e práticas aberrantes demandavam a produção adicional de mais “escrituras sagradas”.¹⁶

¹² Sobre João, ver: HENDRIKSEN, William. *Exposition of the Gospel according to John. New Testament Commentary*. Grand Rapids: Baker, 1981.

¹³ Sobre a canonicidade dos evangelhos e a história de seu reconhecimento pela igreja, consultar: HARRIS, Laird. *Inspiração e canonicidade da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004; COMFORT, Philip W. *A origem da Bíblia*. São Paulo: CPAD, 1998; CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

¹⁴ Segundo Zilles, os apócrifos se apresentam “como textos canônicos reivindicando uma autoridade igual aos do cânon... apresentam-se como se pertencendo ao cânon das Sagradas Escrituras, trazendo, para isto, o nome de algum autor que poderia ser considerado como inspirado.” Cf. ZILLES, Urbano. *Evangelhos apócrifos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 9-10.

¹⁵ Cf. FRIBERG, ἀπόκρυφος.

¹⁶ FARKASFALVY, Denis. *Inspiration & interpretation: a theological introduction to Sacred Scripture*. Washington, DC: Catholic University of America Press, 2010, p. 50.

Esses evangelhos são geralmente classificados em narrativas da infância de Jesus, narrativas da vida e da paixão de Jesus, coleção de ditos de Jesus e diálogos de Jesus.¹⁷

As narrativas da infância mais conhecidas são o Proto-Evangelho de Tiago; o Evangelho de Tomé, o Israelita; o Livro da Infância do Salvador; a História de José, o Carpinteiro; o Evangelho Árabe da Infância; a História de José e Azenate e o Evangelho Pseudo-Mateus da Infância.¹⁸ Entre as narrativas da vida ou paixão de Cristo mais importantes se destacam o Evangelho de Pedro, o Evangelho de Nicodemos, o Evangelho dos Nazarenos, o Evangelho dos Hebreus, o Evangelho dos Ebionitas e o Evangelho de Gamaliel.¹⁹

Existem apenas dois que se enquadram na categoria de coleção de ditos de Jesus, o Evangelho de Tomé – que será analisado mais adiante neste artigo – e o suposto documento Q (*Quelle*, “fonte” em alemão), de cuja existência não se tem prova concreta.²⁰ Na categoria de diálogos de Jesus com outras pessoas e revelações que ele fez em secreto mencionamos o Diálogo com o Salvador e o Evangelho de Bartolomeu.

Essas obras são chamadas de evangelhos apócrifos porque não são consideradas genuínas, produzidas pelos apóstolos ou pelos autores cujos nomes

¹⁷ Traduções para o inglês dos textos dos evangelhos apócrifos podem ser encontradas nestas obras clássicas: JONES, Jeremiah. *A new and full method of settling the canonical authority of the New Testament*. 2 vols. Londres: J. Clark and R. Hett, 1726; HONE, William (ed.). *The Apocryphal New Testament, being all the Gospels, Epistles, and other Pieces now extant, attributed in the first four Centuries to Jesus Christ, his Apostles, and their Companions, and not included in the New Testament by its Compilers. Translated from the original Tongues, and now first collected into one Volume*. Londres: William Hone, Ludgate Hill, 1820; JAMES, Montague Rhodes. *The Apocryphal New Testament: Being the Apocryphal Gospels, Acts, Epistles, and Apocalypses, with Other Narratives and Fragments Newly Translated*. Oxford: Clarendon, 1924, 1953 e 1975; SCHNEEMELCHER, Wilhelm; HENNECKE, Edgar et al. (eds.). *New Testament apocrypha*. 2 vols. Londres: Lutterworth, 1963, 1965; ELLIOT, James K. (ed.). *The Apocryphal New Testament: a collection of Apocryphal Christian literature in an English translation*. Oxford: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 1993; ELLIOT, James K. (ed.). *The Apocryphal Jesus: Legends of the early church*. Oxford and New York: Oxford University Press, 1996.

¹⁸ Ver os textos em português de alguns desses evangelhos da infância de Jesus em *Apócrifos e Pseudo-Epígrafos*, p. 429-516.

¹⁹ O texto de alguns destes estão traduzidos para o português em *Apócrifos e Pseudo-Epígrafos*, p. 517-706.

²⁰ O “documento Q” é uma hipótese levantada por alguns estudiosos para explicar a origem de alguns dos ditos de Jesus que aparecem em Marcos e Lucas, mas não em Mateus. Sua existência continua sendo motivo de especulação. Para uma posição favorável, ver, por exemplo, MACK, Burton L. *O evangelho perdido: O livro de Q e suas origens cristãs*. Rio de Janeiro: Imago, 1994; THOMAS, Robert L.; FARNELL, F. David. *The Jesus crisis: the inroads of historical criticism into evangelical scholarship*. Grand Rapids: Kregel Publications, 1998, p. 136-140. Para uma posição contrária, ver o capítulo “Adieu to Q” [“Adeus a Q”] em EDWARDS, James R. *The Hebrew Gospel and the development of the synoptic tradition*. Grand Rapids: Eerdmans, 2009.

as encabeçam. Além disso, a grande maioria delas pretende transmitir um conhecimento esotérico, oculto, além daquele conhecimento dos apóstolos. Em grande parte, esses evangelhos foram escritos por autores gnósticos com o propósito de difundirem as suas idéias no meio da igreja, usando para isso a autoridade dos evangelhos canônicos e dos apóstolos. Alguns deles foram encontrados no século passado em Nag Hammadi, no norte do Egito.²¹

O Proto-Evangelho de Tiago, por exemplo, escrito no século II, que descreve o nascimento e a infância de Jesus e a juventude da Virgem Maria, é tipicamente uma tentativa de satisfazer a curiosidade popular em torno de coisas não mencionadas nos evangelhos canônicos. A teologia desse “evangelho” é a de um docetismo popular: Jesus tem um corpo não sujeito às leis do espaço e do tempo. O escrito não tem valor como fonte histórica sobre Jesus.²² De acordo com Bernheim, “é a primeira obra cristã para a glória da virgem Maria... defende a virgindade perpétua de Maria”.²³

Outro exemplo é o Evangelho da Verdade. Esse não é um evangelho no sentido costumeiro da palavra; é antes uma meditação, uma espécie de sermão sobre a redenção pelo conhecimento (gnosis) de Deus. É atribuído ao gnóstico Valentino, que viveu em meados do século II e, por conseguinte, não ajuda em nada a pesquisa sobre o Jesus histórico.²⁴ Na mesma linha vai o Evangelho de Filipe, escrito antes de 350 a.D. É, evidentemente, uma compilação de materiais mais antigos. O texto causou certo sensacionalismo quando da sua publicação, porque sugere uma relação amorosa entre Jesus e Maria Madalena.²⁵ O Evangelho de Pedro – preservado num fragmento que se conservou – descreve o processo contra Jesus, sua execução e sua ressurreição. Sua cristologia é a do docetismo: aquele que sofre e morre é apenas uma aparição do verdadeiro Jesus, que é divino e por isso não pode sofrer e morrer. Conforme esse evangelho, o corpo de Jesus se volatiliza na cruz antes de subir ao céu.²⁶

²¹ Ver o tratamento dado aos evangelhos apócrifos como “evangelhos gnósticos” em MAIA, *Evangelhos gnósticos*; PAGELS, Elaine. *Os evangelhos gnósticos*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006. Para uma visão crítica do ponto de vista conservador, ver BOCK, Darrell. *Os evangelhos perdidos: A verdade por trás dos textos que não entraram na Bíblia*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

²² Cf. ZILLES, *Evangelhos apócrifos*, p. 23-24.

²³ BERNHEIM, Pierre-Antoine. *Tiago, irmão de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 29-30.

²⁴ Cf. LAYTON, Bentley. *As escrituras gnósticas*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 295-313.

²⁵ Ver o texto em português deste evangelho em *Apócrifos e pseudo-epígrafos*, p. 607-624. Para uma análise crítica, ver: LELOUP, Jean-Yves (tradutor). *The Gospel of Philip: Jesus, Mary Magdalene, and the gnosis of sacred union*. Rochester, VT: Bear & Co, 2004; FOSTER, Paul. *The Gospel of Philip*. In: *The Non-Canonical Gospels*. Londres; New York: T & T Clark, 2008, p. 68-83.

²⁶ Ver o texto do Evangelho de Pedro em *Apócrifos e Pseudo-Epígrafos*, p.581-586. Para mais informações sobre este apócrifo, ver: CROSSAN, John Dominic. *The Gospel of Peter and the canonical gospels*. In: *Evangelium nach Petrus*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2007, p. 117-134.

É preciso dizer que existem vários destes evangelhos apócrifos que foram compostos por autores cristãos desconhecidos, não gnósticos, e que aparentam refletir um tipo de cristianismo popular marginal. A maior parte deles pretende suprir a falta de informação histórica nos evangelhos canônicos, fornecendo detalhes sobre a infância de Jesus, diálogos dele com os apóstolos, informações sobre Maria e demais personagens que aparecem nos evangelhos tradicionais. Em alguns casos, parece que foram escritos para defender doutrinas não apostólicas e que estavam começando a ganhar corpo dentro do cristianismo, como, por exemplo, o conceito de que Maria é mãe de Deus e medianeira. Conforme já vimos, o Proto-Evangelho de Tiago, já no século III, explica porque Maria foi a escolhida: por sua virgindade e santidade, e a defende como mãe de Deus e medianeira. O tema real deste apócrifo é a natividade de Maria. Ele reconta e altera as narrativas da natividade de Jesus encontradas nos canônicos e acrescenta informações como a viuvez de José e os filhos que tinha antes de casar com Maria. Inclui lendas e fábulas e muitas histórias extracanônicas.²⁷

Alguns dos evangelhos apócrifos contêm exemplos morais não recomendáveis. Por exemplo, o Evangelho de Tomé, o Israelita, narra diversos episódios em que o menino Jesus amaldiçoa e mata quem fica em seu caminho: “De outra feita, ele andava em meio ao povo e um rapaz que vinha correndo esbarrou em suas costas. Irritado, Jesus lhe disse, ‘Não prosseguirás teu caminho’. E imediatamente o rapaz caiu morto” (IV.1). Mais adiante se narra o que aconteceu com pessoas que criticavam o menino Jesus: “e no mesmo instante, aqueles que haviam falado mal dele ficaram cegos” (V.1).

Quase todos os apócrifos são recheados de histórias lendárias e ingênuas, como o Evangelho de Nicodemos, que narra como José de Arimateia, Nicodemos e os guardas do sepulcro se tornaram testemunhas da ressurreição de Jesus. Esse evangelho evidentemente foi escrito por cristãos para provar que Jesus morreu de forma injusta e que ressuscitou dos mortos conforme o testemunho de pessoas como José de Arimateia, os guardas do sepulcro, etc. É um livro cheio de lendas, fantasias e histórias fantásticas.²⁸

Os evangelhos apócrifos usaram diversas fontes em sua composição: o Antigo Testamento, os próprios evangelhos canônicos e as cartas de Paulo. Usaram também tradições cristãs extracanônicas, de origem desconhecida, e suas próprias idéias e conceitos. Um bom exemplo é o Evangelho de Nicodemos já mencionado no parágrafo anterior. A obra baseia-se nos sinóticos e em João. O autor conhece o livro de Atos e os escritos de Paulo, além do Antigo Testamento. Quando se vale dos relatos dos evangelhos canônicos, quase sempre reconta a história alterando-a e entremeando-a com lendas, fábulas e

²⁷ Cf. *Apócrifos e Pseudo-Epígrafos*, p. 519-530.

²⁸ *Ibid.*, p. 531-549.

informações extracanônicas de origem desconhecida. Essa característica de contar novamente a história bíblica de maneira adulterada é comum em todos os tipos de apócrifos do Antigo e do Novo Testamento.²⁹

3. A ATITUDE DA IGREJA PARA COM OS EVANGELHOS APÓCRIFOS

No período pós-apostólico, alguns desses evangelhos chegaram a ser recebidos por um tempo, como leitura proveitosa, como o Evangelho de Pedro.³⁰ Serapião, bispo de Antioquia, a princípio recomendou este evangelho em 191 d.C. Mais tarde, o próprio Serapião reconheceu que a obra tem elementos estranhos e a desautorizou:

Pois nós, irmãos, recebemos Pedro e os demais apóstolos como o próprio Cristo. Mas aqueles escritos que são falsamente inscritos com seu nome, nós, como pessoas experientes, rejeitamos, sabendo que tais escritos não nos foram entregues por ele. Quando, na verdade, eu vim ver vocês, eu supunha que todos estes escritos estavam de acordo com a fé ortodoxa, e, embora eu não tivesse lido o Evangelho escrito sob o nome de Pedro, que foi trazido a mim por eles [os gnósticos], eu disse: Se essa é a única coisa que ameaça produzir mal-estar entre vocês, que seja lida, então. Mas, agora que eu percebi, pelo que me foi dito, que a mente deles estava secretamente acariciando alguma heresia, envidarei toda a pressa para chegar até vocês de novo.³¹

Talvez Serapião tenha se escandalizado com passagens deste apócrifo que revelam a heresia gnóstica, como a parte em que diz que na cruz, após clamar “por que me desamparaste?”, Jesus “volatilizou-se e subiu ao céu” (V.19), uma clara referência ao ensinamento gnóstico de que Jesus não tinha um corpo físico real.

Aqui cabe-nos mencionar o testemunho de Eusébio em sua *História Eclesiástica*, ao falar dos Evangelhos de Pedro, Tomé e Matias:

Nenhum desses livros tem sido considerado digno de menção em qualquer obra de membros de gerações sucessivas de homens da Igreja. A fraseologia deles difere daquela dos apóstolos; e opinião e a tendência de seu conteúdo são muito dissonantes da verdadeira ortodoxia e claramente mostram que são falsificações de heréticos. Por essa razão, esse grupo de escritos não deve ser considerado entre os livros classificados como não autênticos, mas deveriam ser totalmente rejeitados como obras ímpias.³²

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid., p. 581-585.

³¹ “Fragmentos de Serapião, bispo de Antioquia”. Disponível em: <http://www.earlychristianwritings.com/text/serapion.html>. Acesso em: 18/11/2011.

³² EUSÉBIO DE CESAREIA, *História eclesiástica*, 3.25.6,7.

Os evangelhos apócrifos continuaram a ser lidos mesmo após o século II, quando nenhum outro evangelho era reconhecido como normativo a não ser estes que agora constam no cânon. À medida que o poder da igreja crescia, os evangelhos apócrifos foram desaparecendo, embora a leitura deles nunca tenha cessado inteiramente durante a Idade Média.³³ Sua popularidade e influência podem ser vistas nos relevos de sarcófagos da Europa ocidental durante a Idade Média, nos vitrais de igrejas e catedrais daquele período, na arte que aparece em manuscritos e nos temas das dramatizações dos mistérios realizadas nas igrejas da época.³⁴

Essa postura de rejeição dos evangelhos apócrifos prevaleceu até a Reforma Protestante e o período posterior chamado de ortodoxia protestante.³⁵ Com a chegada do método histórico-crítico, filho do Iluminismo e do racionalismo, passou-se a negar a autoria apostólica e a inspiração divina dos evangelhos canônicos.³⁶ Os mesmos passaram a ser vistos como produção da fé da igreja, sem valor real para a reconstrução do Jesus histórico.³⁷ Dessa perspectiva, os evangelhos apócrifos chegaram então a ser considerados como literatura tão válida como os canônicos para nos dar informações sobre o cristianismo nascente, embora não sobre o Jesus histórico.³⁸

³³ Ver os detalhes sobre a influência e desaparecimento pós-canônico de vários destes evangelhos em HASTINGS, James. *Dictionary of Christ and the Gospels*. Vol. 2, "Gospels, Apocryphal". Honolulu, Havai: University Press of the Pacific, 2004, p. 674ss. Na igreja ocidental, a autoridade dos evangelhos apócrifos foi repudiada nos termos mais fortes por Agostinho e Jerônimo, cf. *Ibid*.

³⁴ Cf. VOS, H. F. *Apocrypha, New Testament*. In: ELWELL, Walter A. *Evangelical Dictionary of Theology*. Grand Rapids: Baker, 1984, p. 65.

³⁵ Lutero e Calvino repudiaram os apócrifos veementemente. Esta atitude se encontra refletida nas confissões de fé elaboradas pelos reformados, como a Confissão de Fé de Westminster. Lutero chegou ao ponto de zombar dos evangelhos apócrifos dos judeus (Ebionitas, Hebreus) ao compará-los com os evangelhos canônicos. Ver POLIAKOV, Léon. *The history of anti-Semitism: from the time of Christ to the court Jews*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003, p. 219.

³⁶ A ex-bultmaniana e erudita liberal Eta Linnemann documenta com detalhes a postura crítica e liberal da academia na Alemanha para com os evangelhos canônicos em LINNEMANN, Eta. *Is there a synoptic problem?: rethinking the literary dependence of the first three gospels*. Grand Rapids: Baker Book House, c1992.

³⁷ Schmidt, por exemplo, considera o relato dos evangelhos canônicos confuso e insuficiente para a reprodução do Jesus histórico, e conclui: "... é impossível escrever uma 'vida de Jesus' moderna... tal empreendimento não é apenas irrealizável; é também irrelevante para a fé, em confronto com aquilo que os evangelistas apresentam: a importância soteriológica da vida de Jesus." SCHMIDT, J. *Evangelhos*. In: BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 146. Para ele, os apócrifos foram escritos para suprir estas lacunas existentes nos canônicos.

³⁸ Esta é a postura, por exemplo, de JUNOD, Éric. Apócrifos. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 169.

4. O RENASCIMENTO DO INTERESSE PELOS EVANGELHOS APÓCRIFOS, EM PARTICULAR OS GNÓSTICOS

A partir da visão crítica defendida pelo liberalismo teológico e pelo método histórico-crítico, em anos recentes os evangelhos escritos pelos gnósticos passaram a receber grande atenção e importância nos estudos neotestamentários das origens do cristianismo e na chamada busca do Jesus histórico.

Vários fatores têm contribuído para isso. Primeiro, o surgimento do *Jesus Seminar* nos Estados Unidos.³⁹ A criação do *Seminar* é considerada o início da terceira etapa da busca do Jesus histórico, iniciada pelos liberais do século XVIII.⁴⁰ Um de seus membros mais conhecidos, cujas obras têm sido traduzidas e publicadas no Brasil, é John Dominic Crossan. Em sua obra *O Jesus Histórico: A Vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo*, de 1991 (publicado em português em 1994), ele emprega os apócrifos Evangelho de Pedro e especialmente o Evangelho de Tomé para a reconstrução do Jesus histórico.⁴¹ Segundo Crossan, essas duas obras são mais antigas que os evangelhos canônicos e contêm informações importantes que não foram incluídas em Mateus, Marcos, Lucas e João. Essa atitude de Crossan é característica dos demais membros do *Jesus Seminar* e de muitos outros eruditos neotestamentários críticos, que aceitam a autoridade dos evangelhos apócrifos, especialmente os gnósticos, acima daquela dos canônicos. Aqui podemos mencionar Elaine Pagels, cuja obra *Os Evangelhos Gnósticos*, recentemente traduzida e publicada em português, vai nessa mesma direção.⁴²

Em segundo lugar, a publicidade e o sensacionalismo da grande mídia em torno da descoberta e publicação dos textos dos evangelhos gnósticos, como os Evangelhos de Judas e de Tomé. A grande mídia tem difundido a teoria de que a igreja cristã teria ocultado e guarda até hoje outros evangelhos que remontam à época de Jesus e que contradiriam e refutariam totalmente o

³⁹ Sobre o *Jesus Seminar*, ver: WITHERINGTON III, B. *The Jesus Quest: The third search for the Jew of Nazareth*. Downers Grove: InterVarsity, 1995; STRIMPLE, R. B. *The modern search for the real Jesus*. Phillipsburg: Presbyterian & Reformed, 1995. Ver ainda SCHIAVO, Luigi. A busca pelas palavras e atos de Jesus: O Jesus Seminar, em *Caminhos*, vol. 7, n.º. 1 2009. Este último estudo apresenta o método, as principais conclusões e algumas questões críticas relacionadas ao Jesus Seminar.

⁴⁰ Sobre a busca do Jesus histórico, ver SCHWEITZER, A. *The quest of the historical Jesus: A critical study of its progress from Reimarus to Wrede*. New York: Mcmillan, 1968; GROOTHUIS, D. *Searching for the real Jesus in an age of controversy*. Eugene: Harvest House, 1996; KLOOSTER, F. H. *Quests for the historical Jesus*. Grand Rapids: Baker Book House, 1977; FABRIS, R. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988; LATOURELLE, R. *Jesus Existiu? – História e hermenêutica*. Aparecida, SP: Ed. Santuário, 1989; LOPES, Augustus Nicodemus. Em busca do Jesus histórico... mais uma vez. *Fides Reformata* 2/2, 1997, p. 161-66.

⁴¹ Cf. CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

⁴² Cf. PAGELS, Elaine. *Os evangelhos gnósticos*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.

cristianismo tradicional e ortodoxo.⁴³ A veiculação pela mídia vai na mesma linha de propaganda e especulações anticristãs voltadas mais diretamente contra a Igreja Católica Romana e que acaba respingando nos protestantes, especialmente as igrejas históricas. Em 2004 foi o Evangelho de Tomé. Em 2006 foi a vez do Evangelho de Judas ganhar a capa de revistas populares pretensamente científicas.⁴⁴ A ignorância dos articulistas, o preconceito anticristão, a busca do sensacionalismo, tudo isso contribuiu para que a publicação do manuscrito copta do Evangelho de Judas recebesse uma atenção muito maior do que a devida. Em 2007 foi a suposta sepultura de Jesus. Uma inscrição antiga contendo o nome de Tiago, irmão de Jesus, e outras “descobertas” arqueológicas fizeram a festa da mídia em anos mais recentes.⁴⁵

Não se deve pensar que essa atitude é um fenômeno atual. Desde os primórdios do cristianismo escritores pagãos como Celso e Amiano Marcelino publicam material atacando as Escrituras e o cristianismo.⁴⁶ Quando da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto e das polêmicas e questões inclusive jurídicas que envolveram a tradução e a publicação dos primeiros rolos, a imprensa da época especulava que os manuscritos representariam o fim do cristianismo, pois traria informações que contradiriam completamente o evangelho. Os anos se passaram e verificou-se a precipitação da imprensa. Os rolos na verdade tiveram o efeito contrário, confirmando a integridade e autenticidade do texto massorético do Antigo Testamento.⁴⁷

Em terceiro lugar, produções de Hollywood como “O Código da Vinci”, “O Corpo”, “Estigmata” e “A Última Ceia de Cristo”, que se baseiam nesses evangelhos gnósticos, têm servido para difundir-los popularmente.

⁴³ Um exemplo é a revista *Superinteressante*, que publica sistematicamente matérias deste teor. Ver <http://migre.me/6e4Qj>; <http://migre.me/6e4SO>; <http://migre.me/6e4Tw> e outros.

⁴⁴ Ver nota anterior.

⁴⁵ O Discovery Chanel anunciou documentário “imparcial” a ser veiculado em 18 de março de 2007 com o título “O Sepulcro Esquecido de Jesus”. Segundo o site do Discovery, é “o provável achado mais importante da história”. O documentário, dirigido por James Cameron, o diretor de “Titanic”, é sobre uma caverna encontrada em 1980 ou 1990 num bairro ao norte de Jerusalém contendo dez caixões que guardariam os restos mortais de Jesus de Nazaré, de sua mãe Maria e de Maria Madalena. Afirma o documentário que a caverna é o local do enterro de Jesus. “Se for comprovado que é verdadeiro, este será o mais importante achado arqueológico da história do mundo cristão”, afirmou o site. Ver <http://migre.me/6e55A>.

⁴⁶ Cf. CELSO. *Contra os cristãos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991. Sobre Amiano, ver LAISTNER, M. L. W. *The greater Roman historians*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1971, p. 141-164.

⁴⁷ Sobre os manuscritos, ver: GARCÍA MARTÍNEZ, F. *Textos de Qumran: Edição fiel e completa dos documentos do Mar Morto*. Petrópolis: Vozes, 1995; VANDERKAM, J. C. *Os manuscritos do Mar Morto hoje*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. Sobre a relação dos textos de Qumran com o texto massorético, ver *The Oxford Dictionary of the Jewish Religion*. Oxford, 2011, p. 134.

5. O EVANGELHO DE JUDAS

Examinemos mais de perto os dois evangelhos gnósticos que mais têm atraído recentemente a atenção da academia e do público em geral, que são os Evangelhos de Judas e de Tomé.

O Evangelho de Judas preservou-se em um manuscrito copta do século IV, que supostamente conteria uma tradução do evangelho apócrifo grego de Judas, cuja origem é estimada em meados do século II. A restauração e a tradução do manuscrito copta foram anunciados em 6 de abril de 2006 pela National Geographic Society, em Washington.⁴⁸

Não se trata da descoberta do Evangelho de Judas. O mesmo já é um velho conhecido da igreja cristã. Elaborado em meados do século II, provavelmente na língua grega, era conhecido de Irineu, um dos pais apostólicos. Na sua obra *Contra as Heresias*, Irineu o menciona explicitamente como sendo uma obra espúria produzida pelos gnósticos da seita dos cainitas:

... eles (cainitas) dizem que Judas, o traidor, conheceu estas coisas e que somente por haver conhecido antes dos outros a verdade, consumou o mistério da traição [...] Esse estilo de ficção chamam de evangelho de Judas (*Contra as Heresias*, I, XXXI, 1).

No século IV (por volta de 370 d.C.) o bispo Epifânio, em sua obra *Panarion*, escrita para combater as heresias de sua época, menciona o Evangelho de Judas como uma obra de origem gnóstica que torna o traidor em um feitor de boas obras:

... afirmam [a seita dos cainitas] que, por esta razão, conheceu Judas exatamente o conteúdo destas coisas. Defendem também que são descendentes dele (Judas), o qual assume o grau maior da gnosis, até o ponto de prepararem um opúsculo com o seu nome, intitulado evangelho de Judas (*Panarion*, 38, 1.5).

Teodoreto, bispo de Ciro, também conhecia este evangelho. Em sua obra *Compêndio de Fábulas Heréticas* (466 d.C.), ele comentou: “... dizem [os cainitas] conhecer também um evangelho (de Judas), composto por eles, pois dizem que ele recebeu o laço como paga de sua traição” (*Compêndio*, I.15).

Não se trata também da descoberta de um manuscrito antes desconhecido contendo essa obra. Acredita-se que o único manuscrito conhecido, escrito em copta, foi descoberto em meados da década de 1950 e depois de uma longa peregrinação nas mãos de colecionadores, bibliotecas, comerciantes de antiguidades e peritos, chegou às mãos das autoridades. Sua existência foi anunciada

⁴⁸ Cf. COCKBURN, Andrew. The Judas Gospel. *National Geographic Magazine*, maio de 2006, p. 78-95.

ao mundo em 2004. Trata-se de um códice com 25 páginas de papiro, envoltas em couro, das 62 páginas do códice original. Somente essas 25 páginas foram resgatadas pelos especialistas. A tradução que veio a lume em 2006 é dessas páginas. O que é de fato novo é a tradução do texto desse apócrifo, texto até então desconhecido. Contudo, o ponto central que a mídia tem destacado com sensacionalismo já era conhecido mediante as citações de Irineu, Epifânio e Teodoreto, ou seja, que esse evangelho procura reabilitar Judas da pecha de traidor, transformando-o em vítima e herói.⁴⁹

Várias matérias publicadas na mídia diziam que Judas Iscariotes é o autor desse evangelho. Contudo, não existe prova alguma disso. Segundo o relato dos quatro evangelhos canônicos, Judas suicidou-se após a traição (Mt 27.5; At 1.18-19). Como poderia ser o autor dessa obra? Já Irineu, no século II, atribuía a autoria do Evangelho de Judas aos cainitas, uma seita gnóstica, conforme vimos acima. No códice descoberto e publicado em 2006, não consta somente o evangelho atribuído a Judas, mas duas obras mais: a “Carta a Filipe” atribuída ao apóstolo Pedro e “Revelação de Jacó”, relacionada com o patriarca hebreu. A presença do Evangelho de Judas em meio a essas duas obras apócrifas é mais uma prova da autoria espúria desse evangelho. É curioso o preconceito da mídia, que sempre veicula matérias que negam a autoria tradicional dos evangelhos canônicos, mas que rapidamente atribui a Judas Iscariotes a autoria desse apócrifo.

É importante também notar que o manuscrito do Evangelho de Judas que foi traduzido não data do século II, mas do século IV. Especula-se que é uma tradução para o copta de uma obra mais antiga escrita em grego, que por sua vez dataria de meados do século II. Daí a inferir a autoria de Judas Iscariotes, que morreu na primeira parte do século I, vai uma grande distância. A seita dos cainitas, segundo Irineu em *Contra as Heresias*, era especialista em reabilitar personagens bíblicos malignos, como Caim, os sodomitas e Judas. A produção de um evangelho reabilitando o traidor se encaixa perfeitamente no perfil da seita.⁵⁰ Ao final, pesando todos os fatos e filtrando o sensacionalismo e o

⁴⁹ Muitos eruditos renomados, como James Robinson, criticaram severamente a maneira sensacionalista com que a publicação do Evangelho de Judas foi feita. Cf. ROBINSON, James. *The secrets of Judas: The story of the misunderstood disciple and his lost gospel*. San Francisco: Harper, 2006. Nessa mesma linha, ver: WRIGHT, N. T. *Judas and the gospel of Jesus: Have we missed the truth about Christianity?* Grand Rapids: Baker Books, 2006.

⁵⁰ O polêmico estudioso Bart D. Ehrman, que participou do projeto para analisar o Evangelho de Judas pela National Geographic Society, publicou um livro sobre este evangelho descrevendo seu conteúdo, seu relacionamento com os evangelhos canônicos e sugerindo que Judas apresenta uma perspectiva única de Jesus, dos Doze e do próprio Judas, que teria sido o único a permanecer fiel a Jesus. Cf. EHRMAN, Bart D. *The lost Gospel of Judas Iscariot: A new look at betrayer and betrayed*. Oxford: Oxford University Press, 2006. Para uma análise mais sóbria e que revela a origem gnóstica desse evangelho, ver: PERRIN, Nicholas. *The Judas Gospel*. Downers Grove: Intervarsity Press, 2006.

preconceito anticristão, a publicação do Evangelho de Judas em nada contribuirá para nosso conhecimento do Judas Iscariotes histórico e muito menos do Jesus histórico – servirá apenas para nosso maior conhecimento das crenças gnósticas do século II. Não representa qualquer questionamento sério do relato dos evangelhos canônicos, cuja autoria e autenticidade são muito mais bem atestadas, datam do século I e receberam reconhecimento e aceitação universal pelos cristãos dos primeiros séculos.

6. O EVANGELHO DE TOMÉ

Esse evangelho consiste numa coleção de 114 ditos que Jesus supostamente teria ditado a seu irmão gêmeo, Tomé. Ele faz parte da livraria gnóstica descoberta em Nag Hammadi em meados do século passado. O que temos é um manuscrito copta, tradução de uma versão em grego desse evangelho, datada do século III. Calcula-se que o evangelho original deve ter sido escrito no século II. Não se trata de um evangelho no sentido usual do termo, visto que não contém qualquer narrativa sobre o nascimento, ministério ou paixão de Cristo. Trata-se de uma coleção de ditos de Jesus sem qualquer moldura geográfica, temporal ou histórica que nos permita localizar quando, onde e em que contexto Jesus os teria pronunciado. Calcula-se que foi escrito na região da Síria, onde existem tradições sobre o apóstolo Tomé e onde se sediava a seita dos encratitas, ascéticos que defendiam uma forma heterodoxa de cristianismo.⁵¹

Apesar de trazer muitas citações dos evangelhos canônicos, a teologia do Evangelho de Tomé é abertamente gnóstica. Defende a salvação através do conhecimento secreto e esotérico que Jesus revelou a seu discípulo Tomé. Está eivado das dicotomias e dualismos característicos do pensamento gnóstico mais evoluído do século II. Trata-se claramente de uma produção dos mestres gnósticos, que se valeram dos evangelhos canônicos e do nome do apóstolo Tomé para divulgar e espalhar suas crenças.⁵²

CONCLUSÃO

Apesar de todos os esforços da mídia e dos liberais, não se conseguiu provar que os evangelhos gnósticos foram escritos no primeiro século. Eles são produções posteriores aos evangelhos canônicos e se valeram destes como fontes. O maior argumento dos liberais para provar que o Evangelho de Tomé,

⁵¹ Ver o texto em português em *Apócrifos e pseudo-epígrafos*, p. 581-586. Sobre o evangelho, ver: MEYER, Marvin. *O Evangelho de Tomé: As sentenças de Jesus*. Rio: Imago, 1993; LELOUP, Jean-Yves. *O Evangelho de Tomé*. Petrópolis: Vozes, 1997.

⁵² Para uma posição contrária às origens gnósticas do Evangelho de Tomé, ver: CONICK, April D. *Seek to see him: Ascent and vision mysticism in the Gospel of Thomas*. Leiden, Nova York, Köln: Brill, 1966. *Supplements to Vigiliae Christianae*, 33.

contendo ditos de Jesus, foi escrito no século I antes dos canônicos depende da existência do suposto proto-evangelho “Q”, que nunca foi provada.⁵³

O testemunho dos pais apostólicos é unânime em rejeitar esses evangelhos e considerar a maior parte deles como falsificações feitas pelos gnósticos com o propósito de espalhar suas ideias e ensinamentos. O conteúdo deles é distintamente diferente dos evangelhos canônicos e da religião ensinada no Antigo Testamento. Assim, nenhum deles jamais foi reconhecido como autêntico e apostólico. Desde cedo a igreja cristã rejeitou essas obras, pois não preenchiam os critérios de canonicidade: não foram escritas pelos apóstolos ou por alguém ligado a eles, contradiziam a doutrina cristã, tinham exemplos e recomendações morais e éticas pouco recomendáveis, e seus autores falsamente atribuíram a autoria aos apóstolos, como, por exemplo, o Evangelho de Tomé, de Pedro, de Bartolomeu, de Filipe. Além do mais, suas histórias fantásticas acerca de Cristo claramente revelavam seu caráter especulativo e supersticioso, ao contrário da sobriedade e da seriedade dos evangelhos bíblicos. Não é de admirar, portanto, que eles não constem em nenhuma das primeiras listas de livros reconhecidos nas quais aparecem os quatro evangelhos canônicos.⁵⁴

As reconstruções do Jesus histórico feitas pelos que dão prioridade aos apócrifos, especialmente os evangelhos gnósticos, deixam sem explicação o surgimento das tradições escatológicas a respeito dele que hoje encontramos nos evangelhos canônicos. Nem mesmo a tese da “imaginação criativa da comunidade” defendida pela crítica da forma pode explicar satisfatoriamente como um camponês judeu, com idéias e estilo de vida de um filósofo cínico, praticando o curandeirismo entre o povo simples, cheio de idéias gnósticas, acabou por ser transformado no Cristo que temos nos evangelhos em tão curto espaço de tempo, com as testemunhas oculares dos eventos ainda vivas.

ABSTRACT

This article attempts to show why the Christian church has historically rejected the apocryphal gospels. After defining the term “gospel” the article shows its application to that specific literary genre emerged in the first century and the requirements for one to be accepted as inspired by the church. Next the author presents a classification of canonical and apocryphal gospels and a description of each group, especially the Apocrypha. The attitude of the apostolic church to the apocryphal gospels is then documented as well as the reasons for the growing acceptance of the Apocrypha in liberal circles in the search for the

⁵³ Ver uma crítica pertinente feita por Craig Evans às tentativas dos teólogos liberais de distorcer o Jesus dos evangelhos canônicos usando os apócrifos em: EVANS, Craig A. *Fabricating Jesus: How modern scholars distort the gospels*. Downers Grove: Intervarsity Press, 2006.

⁵⁴ Estas listas são as de Marcião (135 d.C.), Irineu (180 d.C.), Orígenes (250 d.C.) e Atanásio (367 d.C.).

historical Jesus. After a closer look at the Gospels of Judas and Thomas comes the conclusion, which summarizes the reasons why these and other apocryphal gospels have always been rejected by the church.

KEYWORDS

Gospels; Apocriphal gospels; Canonical gospels; Gnostics; Gospel of Judas; Gospel of Thomas; Liberalism.